



Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

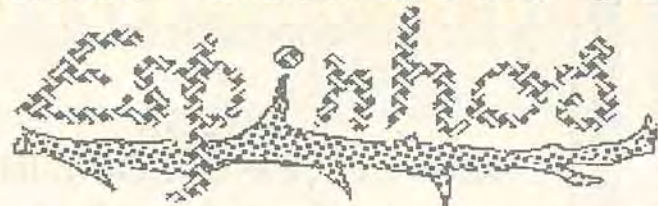
PREÇO 80\$00



Veja a neve na nossa companhia

pág. 8

VIDAS COROADAS DE



MUITOS homens e mulheres, à face da Terra, parece terem sido sinalizados e recolhidos pelo sofrimento.

Uns, ainda crianças, são visitados pela morte ou pela doença incurável, pela desunião da família, pelos maus tratos e desamor dos progenitores ou seus substitutos, pelo abuso ou exploração, pela violência de ter de testemunhar situações brutais, pela fome, frio, solidão ou abandono.

Outros, vivida embora adequadamente a infância e adolescência, ao iniciar a juventude no sonho e esperança do porvir são surpreendidos pelo sofrimento que chega tal qual uma foice sorradeira, cortante, sangrenta, trazendo a desestruturação dos seus esquemas e valores, a sua desestabilização, a ruptura com tudo e todos, o desencontro, a ruína em forma de chaga psíquica, quicá por virtude de cargas genéticas a que são absolutamente alheios.

Alguns outros, jovens também, vítimas de marcas gravadas na infância ou ainda de influências negativas do meio em que vivem ou se movimentam, entram em crises de descrença e desencanto e encontram refúgio na dependência dos vícios.

Escolhem o álcool ou a droga ou a delinquência ou a prostituição, ou até uns e outros.

Na idade adulta vidas há carregadas de sofrimento na forma de infidelidades, de represálias físicas e morais, de irreconhe-

cimento e ingratidão, de abandono ou desprezo vindos dos seus cônjuges e até de filhos.

Em idades avançadas, o sofrimento agudiza-se na forma de limitações múltiplas, imobilidade, doenças graves, angústia mortal, solidão atroz. Por muito que o convívio com o sofrimento se torne um hábito e o coração se resigne, a mente busca incessantemente compreender...

Sobre a minha mesa de trabalho tenho ainda um recorte de jornal onde vem noticiado que uma mãe de Almada, sendo professora, teve de deixar de o ser para poder ficar em casa a tomar conta de seu filho de 21 anos. Até aos 18 anos pôde ser atendido em instituições específicas para deficientes, mas, a partir de então, sobreveio-lhe uma doença que veio dificultar ainda mais a vida de ambos, a ponto de deixar de ser recebido nas mesmas instituições. Quando esta mãe precisa de sair, por uns momentos, tem de deixar o filho preso em casa, no quarto de banho, para que não destrua todas as coisas do lar.

Viver para muitos equivale a transpor agrestes montanhas, carregando pesadas cruzes, suportando espinhos dolorosos. O seu sofrimento terá de ter um sentido, uma razão de ser. Conquanto no plano humano não seja perceptível, no plano divino, no plano da fé, somos levados a pensar na Ressurreição do Senhor.

Dr.^a Helena Serra.

OS FOLIÕES

AINDA OS corsos estão em fase de acabamento nas várias garagens e armazéns, por esse País fora, e já o Carnaval anda na rua há alguns meses.

Primeiro, discreto, só

se reconhecendo através de alguns episódios de mau gosto. Depois, com o aproximar da época própria, mais se foi acentuando o carácter carnavalesco de algumas personagens da nossa praça, mudando de máscara como quem muda de camisa, mas sempre sem mostrar a verdadeira cara. Essa, só os membros dos seus círculos mais íntimos têm o privilégio de conhecer, e mesmo assim num ambiente claro-escuro, sempre passível de ambiguidades.

Como bom Carnaval que se preze, também este começou a manifestar-se mais claramente através de «bombas». E bombas de mau cheiro, ainda por cima! Dois destes engenhos malcheirosos «rebentaram» para os lados de Alverca e tinham a marca OGMA. Um a empestar a seriedade do País como mediador no processo de paz de Angola, ao prestar assistência técnica a uma das partes em conflito, outro a borrar a credibilidade da tão propalada intenção de resolver o diferendo de Timor Leste, recebendo nas suas oficinas motores, para reparação, da Força Aérea indonésia. E, à maneira das boas partidas carnavalescas, ninguém sabe de nada, todos se fecham em copas!

Outra bomba rebentou ao largo da costa portuguesa para afundar um vetusto navio da Armada carregado de munições e outras bugigangas fora de uso, tudo muito bem acondicionado, cem por cento seguro. Só que as bombinhas e granadinhas estão a

emergir das profundezas, onde deveriam ficar até à eternidade, e aparecem na costa, aqui e acolá. Mais uma vez os foliões, danados p'rá brincadeira, não compreendem o

que se passa...

Nesta plêiade de artistas de cegada também há videntes. Há um, pelo menos, que consegue ver o que ainda ninguém viu: um novo «oásis» chamado «retoma». Ora toma!

Apetrechos imprescindíveis ao Entrudo são os papelinhos e as serpentinas. Também se tem visto muito disso. E em tamanho grande. Há por aí foliões a fazer cada «papelão» que nem o Humphrey Bogart. Servem para todos os papéis! E nós a fazer figura de urso! Quanto às serpentinas, conhece-se uma que mais parece a serpe da lenda, tal é o seu tamanho! E mesmo assim só mostra o rabo! É vê-la no próprio Parlamento, com deputados a enriquecer rapidamente, como que por magia, e outros a arranjar tacinhas aqui e acolá; nalgumas Câmaras, onde trafica influências e faz desaparecer documentos justificativos de chorudas despesas; até em várias Juntas ela entra na reinação, para já não falar do futebol, mas isso é outra

mascarada.

Também é hábito, nas brincadeiras de Entrudo, molhar e enfarinhar os incautos. Basta irmos à mercearia ou ao supermercado para apanharmos cada «banhada» que até ficamos arrepiados. Depois, na televisão, os foliões-mores atiram-nos com grandes punhados de farinha para os olhos, de tal modo que ficamos ali apavorados, a tatarinhar...

Vamos a ver se a Quaresma acaba com a folia. É que já estamos fartos da brincadeira...

Um Grito na Noite - primeira folha nas páginas 5 e 6

Veja ainda:

Calendário — Movimento paroquial	2
Outro acidente na ponte do Cimo da Ribeira	
Crónica da má-língua	3
Arega através dos tempos	4
Miguel Torga, a morte de um escritor	5
Datas de inspecções de automóveis	6
Voz Agrícola — A pau de caneta!	7
Desporto e recreio	8

FEVEREIRO—O nome deriva de *Februa*, que eram sacrifícios purificatórios que faziam os Romanos nos doze primeiros dias deste mês, os quais dedicavam a Neptuno.

Simboliza-se de vários modos, entre eles por uma figura vestida com roupas azuis, com uma ave aquática na mão e uma urna na cabeça, de onde sai água com abundância, para indicar frequência de chuva. Temporários o signo correspondente (Peixes), máscaras e instrumentos de música, para aludir aos divertimentos do mundo.

A razão pela qual este mês tem 28 dias (nos anos bissextos 29) prende-se com a subserviência das ciências ao poder.

Os Romanos começavam o seu calendário pelo mês de Março, sendo Fevereiro o último mês do ano, perdendo logo à partida um dos seus 30 dias, que era consagrado aos mortos e como tal era como se não existisse. Até certa altura os Romanos mantiveram os

Calendário

números de dias dos meses em 30 e 31, alternadamente (6 meses de 30 dias e outros 6 de 31, o que perfazia a conta necessária), até que os cor-

outro de 31 dias, os astrónomos da corte romana não podiam admitir que o mês de Julius César tivesse um dia a mais que o de César Augustus, e, assim, decretaram que passariam os dois a ter 31 dias. Tal medida desequilibrava o calendário, vindo a ser amputado o último mês do ano romano — Fevereiro — que mais tarde passou a segundo na reforma gregoriana.

ALGUNS PROVÉRBIOS DO MÊS

Aproveite Fevereiro quem folgou em Janeiro.

Fevereiro faz dia e logo é Santa Maria.

Fevereiro enxuto rói mais que quantos ratos há no mundo.

Quando não chove em Fevereiro, adeus centeio.

Em Fevereiro já entra o sol em qualquer ribeiro.

FASES DA LUA EM FEVEREIRO

Quarto Crescente a 7.

Lua Cheia a 15.

Quarto Minguante a 22.

FEVEREIRO				
D	5	12	19	26
S	6	13	20	27
T	7	14	21	C
Q	1	8	15	22
Q	2	9	16	23
S	3	10	17	24
S	4	11	18	25

tesões resolveram rebaptizar os meses que se chamavam Quintilis e Sextilis (5.º e 6.º) com os nomes dos dois primeiros Césares: Julius e Augustus (Julho e Agosto).

Como estes dois meses eram consecutivos, e portanto um de 30 e

Divulgue e assine o jornal Voz d'AREGA

Preencha este cupão e envie para:
Voz d'AREGA—AREGA—3260 Figueiró dos Vinhos.
O jornal será-lhe enviado pelo correio para a morada que for indicada.

Preços mínimos de assinatura:
12 meses—800\$; 6 meses—500\$

Cupão de assinatura ou renovação

Desejo ☐ SER ASSINANTE ☐ RENOVAR ASSINATURA do jornal Voz d'AREGA pelo período de meses, para o que envio a quantia de\$..... em cheque/vale de correio, para pagamento da mesma.

Nome.....

Morada.....

Assinatura

O CANTINHO

Gerência de MÁRIO FREITAS

Rua de Furtado dos Santos
(Junto ao quartel da GNR)

CASA
DE
PETISCOS

Telef. (036) 35749

3250 ALVAIÁZERE

LEONEL DA SILVA GOMES

Pintor da construção civil

Telefone (036) 36052
Casalinho de Santa Ana

AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESSERP- Escritórios

de Serviços e Projectos, Lda.

Contabilidade,
Contencioso e Estudos

Praça Dr. António
José Pimenta, 4 - Sótão
(Junto à Maribel) - Telef. 52313

3260 Figueiró dos Vinhos

OFICINA AUTO DE

João Luís Almeida

ESPECIALIZADO EM VW E AUDI

BAIRRO DA MIMOSA - RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84-A
2675 ODIVELAS TELEFONE/FAX: 9377801

CAFÉ E MINI MERCADO MANU

Aducos, farinhas, gás
Mercearias e seus derivados

Agente de Apostas Mútuas
Totoloto - Totobola - Joker

GERÊNCIA

Camilo Barata Rodrigues

Telef. 036-34106 - CASTANHEIRA - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL TEIXEIRA DA SILVA

ESTUCADOR

TRABALHOS POR ORÇAMENTO

Telef. (036) 34 284

BREJO - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

pagamento de assinaturas

2000\$00 — Manuel dos Santos
Patrício, Moscovide.

1000\$00 — Fernando Reis Antunes,
França.

Jorge Filipe da Silva Lopes, Jarda.
Américo da Silva Duarte, Lisboa.

Evaristo Borges Batista, Carreira.
Manuel Gomes Rosa, Cruz de Pau.

Aires Teixeira de Carvalho, Lisboa.
Armindo Alves Venâncio, Foz de Alge.

Manuel Batista Antunes, Foz de Alge.
800\$00 — Fernando Simões

Henriques, Jarda.
Joaquim Conceição Antunes, Casta-

nheira.
Emídio Conceição Simões, Braçais.

Fernando Batista Antunes, Carreira.
Alberto Mendes Simões, Ribeira Ve-

lha.
António Jesus Simões, Lisboa.

Agostinho Rosa Morais, Ribeira do
Brás.

Manuel Maria Furtado, Ribeira do
Brás.

Susana Sofia Godinho Simões,
Catujal.

Por quem os sinos tocam

movimento paroquial

Óbito — No dia 1 de Janeiro faleceu em S. Martinho do Bispo, Coimbra, no Hospital, António dos Santos Simões, morador no lugar dos Braçais, de 65 anos de idade.

Era filho de José Simões e de Deolinda dos Santos e casado com Deolinda da Conceição Simões.

À família enlutada, os nossos pêsames.

Batismo — No dia 28 de Janeiro foi baptizado Filipe Manuel Furtado Teixeira, filho de Eduardo Rosa Teixeira e de Isabel Maria Baião Furtado, residentes em Avelais, Arega.

Foram padrinhos Paulo Jorge Gomes Graça e Ana Cristina Baião Furtado Graça.

Os nossos parabéns.

MANUEL PIRES TEIXEIRA

MADEIRAS

E

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TRANSPORTES DE ALUGUER

RAÇÕES PROALIMENTAR

Telef.: (036) 34 209

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FERNANDO GRAÇA CARVALHO



EMPREITEIRO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

TELF. 036 - 34181

CASTANHEIRA

AREGA — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa das Noivas

De José de Jesus

TECIDOS E PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM,
SENHORA E CRIANÇA
SECÇÃO DE SAPATARIA PARA TODAS AS IDADES

Telef. (036) 36 242

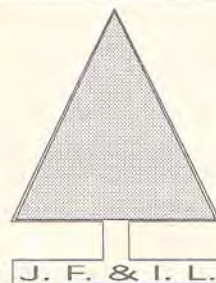
3250 CABAÇOS

José Freitas & Irmãos, Lda.

COMÉRCIO DE MADEIRAS E

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telef. (036) 34 230



Braçais - Arega - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Ponte do Cimo da Ribeira MAIS UM ACIDENTE

Na noite de 5 para 6 circulava o tesoureiro da ARCA, Sr. Evaristo dos Santos Dias, dos Casais Fundeiros, pela estrada do Lameirão e ao passar sobre a ponte do Cimo da Ribeira despenhou-se a pique para o centro do curso de água.

Ele e o companheiro que o acompanhava conseguiram sair da viatura, que como se calcula ficou em mau estado, e dirigiram-se pelos próprios meios ao posto de telefone público de Casal Macedo, onde chamaram uma ambulância que os transportou ao hospital. Veio a verificar-se que, para além de várias escoriações, não sofreram mazelas mais graves, felizmente...

É o segundo acidente do género que ocorre naquela ponte, sendo este o menos grave pois o outro deu origem a uma morte, para além de elevados danos

materiais.

Para quem não conhece o local refira-se que a passagem é muito perigosa, pois a ponte é estreita, sem guardas, com as paredes dos lados mais baixas que a estrada, para além de ser o término de uma descida íngreme, vindo do Lameirão, que termina em curva. Além disso, no Inverno aquela zona é muito húmida e atreita a nevoeiros, sujeita a gelo e geadas que raramente descongelam em tempo de frio, duplicando portanto os riscos para os menos avisados.

Será que são necessários mais acidentes para se tomarem medidas conducentes a uma melhoria das condições de segurança naquela ponte? Pelo menos umas protecções laterais, para já não falar do alargamento...

Fica a questão para quem de direito.

EM JEITO DE DESABAFO

Quando a Associação Recreativa e Cultural Areguense decidiu lançar o periódico que dá pelo nome *Voz d'Arega* pediu ajuda a quem julgava que tinha o dever de apoiar tal iniciativa.

Dirigimo-nos primordialmente aos dois órgãos autárquicos, Câmara e Junta, por acharmos serem os que mais «obrigação» tinham de nos apoiar, sendo a imprensa, e mais a imprensa regional, reconhecida pelo próprio Estado como prestadora de serviço público.

Da Junta recebemos o apoio possível (5000\$00 por edição) e da Câmara obtivemos a informação que uma vez que não apoiava os outros jornais existentes no concelho também não apoiava o nosso, mas que se iria estudar uma forma de colaboração através de publicidade a distribuir pelos três periódicos concelhios, quando tal se apresentasse oportuno.

Ficámos convencidos, que médio!, embora devêssemos receber mais apoio por sermos uma Associação sem fins lucrativos e acharmos que a imprensa escrita deveria estar em pé de igualdade com a imprensa falada...

Ora acontece que de vez em quando vemos publicada noutro jornal publicidade oficial da Câmara Municipal, alguma até referente à nossa freguesia, e não somos dados nem achados. Sabemos que a lei manda publicar a publicidade obrigatória, entre outros, no «jornal mais lido na região», e embora o nosso jornal seja o mais lido na freguesia, Arega não é uma região, mas isso não nos impede de continuarmos à espera que se cumpram as promessas.

Até lá, como até aqui, as nossas páginas continuam à disposição da Câmara Municipal.

Maroco

DIZ - SE...

CRÓNICA DA MÁ-LÍNGUA

• Diz-se p'raí que a verdadeira razão porque as obras da pré-escola não avançam é porque não há dinheiro e não por falta de mão-de-obra, conforme têm querido fazer crer.

• Diz-se que o tesoureiro duma instituição cá do burgo deposita os dinheiros da mesma em duas contas: uma da instituição e outra particular.

• Diz-se que a Comissão de Festas de 94, na altura muito unida, está desorganizada, o que está a comprometer as festas deste ano.

• Diz-se que a Câmara agora só tem olhos para Aguda, uma vez que «Arega já está no papo».

• Diz-se que há pessoas com «baixa» que quando pensam que ninguém vê trabalham tanto ou mais que outras de boa saúde.

Com tanta coisa que se diz, é natural que nem tudo seja mentira...

VIPERINO

Manuel Rosa Borges, Lda.

ESTUCADOR

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS RESPEITANTES À SUA ARTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Travessa de D. Dinis, lote 22, 1.ª Esq. Telef. 947 78 75
BAIRRO DO GRILO - CAMARATE - 2685 SACA VÉM

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CABRAL

MOAGENS DE FARINHAS EM RAMA E PENEIRADA PARA PANIFICAÇÃO E USOS CULINÁRIOS
VENDA DE RAÇÕES E CEREAIS
FILIAL EM RIBEIRA DO BRÁS
Sede: CABAÇOS
Telef. (036) 361 75 - 3250 Alvaizere



Américo Martins Transportes de Aluguer

MUDANÇAS E OUTROS TRANSPORTES COM PESSOAL ESPECIALIZADO
Telf. 204 48 16

Residência: Rua de São Martinho, 9 (Alto da Serra)
BAIXA DA BANHEIRA — 2830 BARREIRO

Miranda & Miranda, Lda.

ARMAZENISTAS:

Adubos, Rações, Agro Químicos, Produtos de Limpeza, Plásticos, Papelaria, Miudezas, Electrodomésticos

Telefs.: 36262 - 36282 - Fax 36416 - 3250 CABAÇOS

OURIVESARIA RELOJOARIA

De Mário T. Morais



GRANDE SORTIDO DE
PULSEIRAS, FIOS, ANÉIS
DE NOIVADO E ALIANÇAS

Relógios: Seiko, Citizen, Orient, Casio

Estabelecimento-sede em AVELAR
Filial em CABAÇOS

JOSÉ HENRIQUES BAIÃO

CASA FUNDADA EM 1922

COMÉRCIO MISTO E BAR
RAÇÕES E ADUBOS
PARA A AGRICULTURA

Agente das Companhias de Seguros:
Tranquilidade, Bonança, Inter Atlântico e Império

Telefone 036 - 34 151 (posto público) AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, C. R. L.

AGORA COM SERVIÇO DE
BANCO COMPLETO NAS NOVAS INSTALAÇÕES
EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Contas ao dispor:

DEPÓSITOS À ORDEM • DEPÓSITOS A PRAZO • POUPANÇA-MEALHEIRO • POUPANÇA-JOVEM
POUPANÇA-REFORMADO • POUPANÇA À ORDEM • CONTA ESPECIAL EMIGRANTE • CONTA SERVIÇOS
RENDIMENTO MENSAL • CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO MULTIBANCO • CARTÃO VERDE GARANTIA • CARTÃO VISA
TRANSFERÊNCIAS INTERBANCÁRIAS • OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO • CÂMBIOS
INVESTIMENTOS NA BOLSA (TÍTULOS E PARTICIPAÇÕES)

Créditos para:

AGRICULTURA • FLORESTA • PECUÁRIA • JOVENS AGRICULTORES
AGRO-INDUSTRIAS • AGRO-ALIMENTARES • AGRO-TURISMO • TURISMO RURAL

Elaboração de projectos, com Técnico Adequado, para:

AGRICULTURA • PECUÁRIA • SILVICULTURA • ARTESANATO
DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO (PROCOM)
APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS INDÚSTRIAS (PEDIP II)



UM APOIO DIFERENTE
AOS SEUS INVESTIMENTOS

OFERECHEMOS-LHE AS MELHORES TAXAS DE JURO CONSULTE-NOS

AGÊNCIAS: Telef. (036) 3 64 12 - Fax 5 32 63 — CABAÇOS (3250 Alvaizere)
Telef. (036) 3 64 12 - Fax 4 62 10 — 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

SEDE:

Telefs. (036) 5 22 64 / 5 28 57 — Fax 5 32 63

Rua Major Neutel de Abreu — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AREGA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A Ferraria da Foz de Alge (continuação)

Por Elsa Morais Lopes

JOAQUIM Fragoso da Mota Sequeira exerceu as funções de Intendente Geral das Minas e Metais do Reino durante o período que decorreu entre 1 de Janeiro de 1829 e 25 de Fevereiro de 1833.

No período que retratamos, restaurou-se o absolutismo. D. Miguel, em 1826, havia jurado a Carta Constitucional e celebrou os esponsais com a sua sobrinha (D. Maria II). D. Pedro nomeou-o seu lugar-tenente e D. Miguel regressa a Portugal em 1828, no mês de Fevereiro. Dá-se entretanto o golpe de estado absolutista, sendo D. Miguel aclamado rei de Portugal no Verão de 1828.

A convicção e simpatia de Mota Sequeira pela causa miguelista muito teria contribuído para a sua nomeação como Intendente. Este Intendente teria estudos superiores e conhecimentos no domínio da agricultura. Mas, concretamente, quanto às ciências montanísticas, os seus conhecimentos limitar-se-iam às viagens ao estrangeiro realizadas com Andrada e Silva, para um maior aprofundamento da matéria. A tudo isto acresce a falta de iniciativa que caracterizava Mota Sequeira, a doença e a idade, já um pouco avançada.

Durante este período coube a António C. de Magalhães Serrão, subordinado de Mota Sequeira, o exercício das funções administrativas, bem como a supervisão técnica de todo o trabalho operado na Ferraria da Foz de Alge. Chegou mesmo a obter o melhor ferro que já aí se havia fabricado. Mota Sequeira, em Lisboa, esforçava-se por angariar os fundos necessários ao funcionamento da Ferraria. E muita falta faziam, já que no final da anterior administração as dívidas ascendiam a 48774213 réis, em metal.

Os armazéns estavam repletos de obras por vender. Tornava-se urgente reparar o açude (o que só podia ser feito quando a ribeira de Alge não levasse água) e aprovisionar a fábrica de cepa e mineral.

O ferro saído das fundições ficava quase sempre em arma-

zém, pois não havia compradores.

Mota Sequeira tinha consciência do pouco aproveitamento da Ferraria, pois chegou mesmo a escrever a propósito:

«[...] vejo não ser esse Estabelecimento de proveito algum, como deverá para a Real Fazenda, mas antes de muita e perdida despesa: o que por forma alguma convém que assim continue.»

A crónica falta de dinheiro que, desde o seu início, sempre havia afectado a Ferraria, mantinha-se. Em Setembro de 1829 surgiu a possibilidade de se fazerem na fábrica da Foz de Alge as ferraduras para os cavalos do exército miguelista. Só que apresentaram um orçamento bastante elevado, que foi recusado pelo brigadeiro Veríssimo Cardoso. Apesar de tudo, acabaram as ferraduras por ser produzidas na Foz de Alge, ainda que com prejuízo. Todavia, o primeiro material obtido foi recusado pelo cliente. Passados tempos, nova encomenda de ferraduras viria a surgir, só que os serviços prestados eram de má qualidade: as ferraduras eram muito pequenas e partiam-se ao serem cravadas.

O Governo encomendou utensílios agrícolas: enxadas, picaretas, pás, arados, mas em reduzidas quantidades.

No ano de 1831 as vendas foram quase mínimas. Fez-se uma fundição no segundo trimestre de 1832. Magalhães Serrão dirigia todos estes trabalhos, limitando-se a enviar à Intendência contas da sua administração.

No Verão de 32 iniciou-se no nosso país a guerra civil. As tropas liberais desembarcaram na praia do Pampelido e seguiram para o Porto. Foram então cercadas pelo exército miguelista.

Esta cerco fez com que a cidade do Porto deixasse de receber os produtos das minas de São Pedro da Cova. Era daqui que vinha grande parte dos poucos subsídios que a Ferraria da Foz de Alge recebia. Nesse sentido, o representante da Companhia das Minas de São Pedro da Cova comunicou a Mota Sequeira que a situação não era a melhor e tudo se encaminhava para que os subsídios à Intendência — dos

quais dependia a fábrica da Foz de Alge — deixassem de ser atribuídos.

Entretanto, a Ferraria dispunha apenas de cinco empregados, o que, em comparação com o número de operários que lá haviam trabalhado, era manifestamente pouco. Só que as encomendas eram praticamente inexistentes, não havendo dinheiro para pagar aos que iam ficando.

Todavia, a fábrica da Foz de Alge haveria de contribuir com os seus préstimos para o desenrolar da guerra civil. A cidade do Porto continuava cercada, pois os liberais não se rendiam, e Mota Sequeira oferece os serviços da fábrica ao Governo miguelista.

A 19 de Janeiro de 1833 ordena o Conde de Basto que na Ferraria da Foz de Alge «se principie com brevidade a fundição de bombas e de granadas».

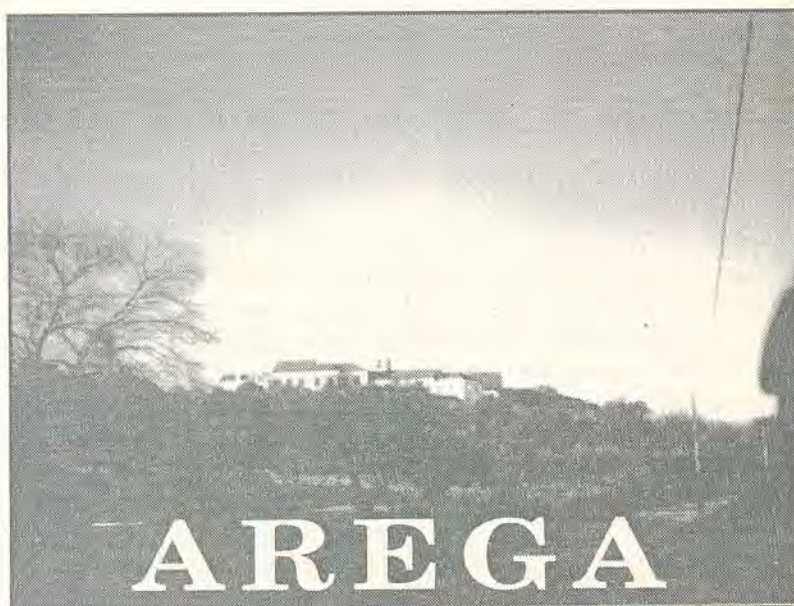
Refere-se no mesmo documento que seria enviado para a Foz de Alge um oficial de artilharia para «dar noções e esclarecimentos precisos para a prompta e perfeita conclusão daquelles trabalhos militares».

O único problema consistia no facto de o Governo encomendar balas mas não referir as contrapartidas monetárias que permitiriam fazer o trabalho.

Os subsídios vindos da mina de São Pedro da Cova não chegavam (e esta mina passava também dificuldades, pois não conseguia vender o seu carvão à cidade do Porto).

Conseguiu-se salvar a situação através de uma hábil ameaça de Mota Sequeira. Este pressionou junto dos representantes da mina, alegando que a Pátria de D. Miguel estava em perigo e a Ferraria da Foz de Alge necessitava de dinheiro para a salvar. Como tal, Mota Sequeira deixou bem claro que, se não viesse qualquer financiamento por parte daquela companhia, a Intendência teria de se queixar a El-Rei.

A estratégia resultou e a fábrica de ferro da Foz de Alge recebeu o dinheiro para o fabrico das balas para o exército de D. Miguel, que não lhe teriam valido de muito, pois acabariam derrotados pelos liberais fiéis a D. Pedro.



Quando surge o sol nascente
Logo beija a minha Arega...
Ela formosa e contente
O seio mimoso lhe entrega.
Gozam o amor docemente,
O cio de surpresa os pega.
Ele, quer vê-la enfeitada,
Desabrochando a florada.

Dos afagos calorosos
Que o amado caloroso lhe dá;
De cuidados extremos,
Arega mostra o bom maná
Nos arvoredos ramosos
Que por aquelas quintas há.
Do seu ventre fecundado,
Germina o fruto abençoado.

Agradece esta fartura,
Fruto por Deus concedido,
O povo com a ventura
De em Arega ter nascido...
Devoto, cheio de ternura,
Faz um festejo luzido,
À Senhora da Conceição,
Sinal de amor e gratidão.

Mocidade jubilosa
Em Arega brota também.
Canta alegre, sempre airosa,
Dança por tabladros além...
Noutras terras é famosa
Pelo folclore que tem!
Mostra bem com a simpatia,
Que é grandiosa sua freguesia.

Elaborado em 13 de Outubro 1984. — Emídio Borges Gomes.

Esmolas das «Alminhas» da Portela



O autor e zelador da Capelinha de Nossa Senhora do Carmo, da Portela, Sr. Domingos Simões Brás, apresentou o seu rendimento do ano de 1994, o qual foi de 21.000\$00, dinheiro este que será empregue em missas por alma dos familiares das pessoas que ali depositaram as suas esmolas.

Desde a sua fundação, em Julho de 1971, já passaram pela sua caixa de esmolas 122.986\$40.

Cuidado!

Anda por aí azeite falsificado

Têm sido detectados pelas autoridades falsificadores de azeite, nomeadamente na região de Coimbra. Utilizam um óleo para fins industriais (não alimentar) ao qual adicionam algum azeite verdadeiro, engarrafando a mistura em garrafas de plástico transparente, do tipo dos da água destilada.

O produto apresenta uma cor muito «amarelinha», parece azeite de mais puro, é mais barato que o verdadeiro, mas é extremamente perigoso para a saúde.

Cuide da sua saúde. Coma azeite, mas do puro!

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.

COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

- Azulejos
- Banheiras
- Lava-Louças
- Pavimentos

- Louça sanitária
- Ferragens
- Ferramentas
- Tubos e acessórios

- Fibrocimento
- Tintas Dyrup
- Cimento
- Ferro

COM SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Telef. (036) 36 151 - Fax: 36 328

CABAÇOS — 3250 ALVAIÁZERE

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS, OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA

TAÇAS, TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR

Telef. (036) 52 105 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Miguel Torga

MORREU O HOMEM, O POETA É ETERNO

«Ora eu sou escritor, como sabes. Poeta, prosador, é na letra redonda que têm descanso as minhas angústias. Mas nem tudo se imprime. Ao lado do soneto ou do romance que a máquina estampa, fica na alma do artista a sua condição de homem gregário.»

Estas são palavras que Miguel Torga escreveu, em Setembro de 1945, no prefácio da primeira edição do seu livro «Novos Contos da Montanha». Mas quem morreu na enfermaria 9 do Instituto de Oncologia de Coimbra, a 17 de Janeiro de 1995, foi Adolfo Correia da Rocha, o homem e médico, porque Miguel Torga, o poeta e prosador, esse continuará sempre entre nós, principalmente entre quem teve a ventura de ler algum dos seus livros.

Mas quem foi este homem, Adolfo Rocha ou Miguel Torga, homenageado por chefes de estado e por grandes instituições ligadas à escrita e à cultura?

Nasceu a 12 de Agosto de 1907, em S. Martinho de Anta, uma pequena aldeia do distrito de Vila Real, Trás-os-Montes. Filho de modestos

De 1928 a 1933 faz o curso de Medicina, começando ao mesmo tempo a frequentar os meios literários da época, nomeadamente o grupo da revista «Presença» onde publicará o poema que verdadeiramente o iniciou nas lides literárias: «Balada da Morgue». Neste período publica também outros livros de poesia («Tributo», «Rampa» e «Abismo») e o seu primeiro livro de prosa, «Pão Azimado». Cortou em 1930 com o grupo da «Presença» e, juntamente com Branquinho da Fonseca, que o tinha acompanhado na saída, funda a revista «Sinal» da qual viria a sair apenas um número.

Depois de concluída a licenciatura, volta à sua terra natal para exercer medicina, deslocando-se semanalmente a Coimbra para não perder o contacto com os amigos (ao longo de toda a sua vida regressará a S. Martinho de Anta para comemorar as datas importantes). Foi no ano de 1934 que, ao publicar o livro de prosa «A Terceira Estação», assinou pela primeira vez o nome universalmente conhecido: Miguel Torga. Com este nome quis homenagear Miguel Molinos, Miguel de Cervantes e Miguel Unamuno, escritores universalistas entre os maiores da Península, ao mesmo tempo que relembra as torgas, urzes rasteiras que florescem nas pedras inóspitas das serras transmontanas. Tendo-se especializado no ano anterior em otorrinolaringologia, estabelece-se em Leiria em 1939. Foi neste consultório e neste ano que Miguel Torga foi preso depois da publicação e consequente apreensão pela Pide de «O Quarto Dia da Criação do Mundo», onde critica o fascismo ascendente na Espanha então devorada pela guerra civil.

Sai da prisão em Fevereiro de 1940 e casa nesse mesmo ano com Andrée Crabée, uma cidadã belga que lhe tinha sido apresentada por Vitorino Nemésio, publicando ao mesmo tempo «Bichos». No ano de 1941 monta em Coimbra, no Largo da Portagem, n.º 45, o consultório que ocuparia quase até ao final da sua vida, e publica «Contos da Montanha», novamente apreendido pela censura.

Os anos de 1947 e 1948 são anos maus na vida de Torga; no primeiro, por motivos políticos sua mulher é demitida da Faculdade de Letras de Lisboa, onde era professora desde 1945, e no segundo morre sua mãe a quem dedicará a obra «Nihil Sibi», à qual pertence um dos mais comoventes poemas da sua carreira («Mãe/Abre os olhos ao menos, diz que sim! Diz que me vês ainda, que me queres./Que és a eterna mulher entre as mulheres./Que nem a morte te afasta de mim»). Em 1954 recusou o prémio literário que lhe foi atribuído pelo regime, por ocasião das celebrações do centenário da morte de Almeida Garrett, e em 1955 nasceu Clara, a sua única filha, que viria a ser a primeira mulher presidente da Associação Académica de Coimbra.

Depois de bastantes livros publi-

cados, alguns deles apreendidos pela censura, é proposto em 1960 pelo prof. Jean-Baptiste Aquarone, da Universidade de Montpellier, para o Prémio Nobel (a partir de então este eterno candidato português ao Nobel será proposto novamente em 1978, ano em que foi homenageado pelo cinquentenário da sua actividade literária, e em 1991). Esta candidatura não foi no entanto apoiada pela maioria dos intelectuais anti-salazaristas, que preferiram indigitar Aquilino Ribeiro, nessa altura alvo de um processo judicial pela publicação de «Quando os Lobos Uivam», livro em que denunciava a convivência dos tribunaes com a ditadura. Este facto viria, aliás, a ser aproveitado pelo regime para tentar mostrar que entre os intelectuais portugueses reinava a divisão e o cinismo. Tal intuito sairá no entanto gorado com o aparecimento de Miguel Torga como testemunha abonatória de Aquilino Ribeiro.

No dia 10 de Junho de 1989, depois de mais alguns livros publicados («Penas do Purgatório», «Câmara Ardente», «Poemas Ibéricos», etc.) e vários prémios (Grande Prémio

Internacional de Poesia da XII Bienal de Knokke-Heist, Bélgica 1976; Prémio Morgado de Mateus, 1980;

ra em Portugal, e em 1993, no poema «Requiem Por Mim», despede-se de todos os seus leitores. No dia 7 de

Setembro de 1994 a sua filha Clara Rocha recebe das mãos do embaixador do Brasil, José Aparecido, uma condecoração do governo brasileiro, comemorativa do Dia Nacional do Brasil.

Durante toda a sua doença nunca Miguel Torga se desinteressou do que se passava ao seu redor; mesmo nos últimos dias de vida reviu as provas do seu último projecto: a reunião em três volumes dos 16 publicados de 1939 a 1993 sob o nome «O Diário». Por fim, às 12 horas e 33 minutos do dia 17 de Janeiro de 1995, morre o homem que, sempre tão avesso a homenagens, prémios e entrevistas teve a coragem de dizer

um dia ao então presidente Ramalho Eanes: «Seja sério, mas não se leve a sério.»

Por vontade expressa foi a enterar em campa rasa no cemitério da sua terra natal, sem qualquer espécie de ofício religioso, tendo como única identificação uma urze plantada no cômodo da sepultura.

Fernanda Marques M.

Ateu com sentimento religioso

[...] Caçava, e essa era a sua maior paixão para além da escrita e da família. Levantava-se de madrugada, preparava-se para o frio e batia à porta do padre Avelino, o seu grande companheiro de caçadas. Juntos, caminhavam em silêncio até que o sol, demasiado alto, não consentisse mais tiros. Então esvaziavam as armas e substituíam-nas pelo farnel.

[...] O que mais impressionava o padre Avelino, pároco de S. Martinho de Anta «era o homem, a parte espiritual, as verdades profundas e fundamentais, o sentido do divino. [...] Notava-se em Torga um profundo sentimento religioso».

Idem, ibidem.

Prémio Montaigne, 1981), recebe das mãos de Mário Soares o Prémio Camões, o maior galardão nacional atribuído pela primeira vez e destinado a premiar um escritor de língua portuguesa.

Em 1991, já bastante doente, vem a Lisboa receber o Prémio de «Personalidade do Ano», atribuído pela Associação da Imprensa Estrangeira.

Coimbra, Largo da Portagem, n.º 45

Saía de uma rua estreita e atravessava a Av. Dias da Silva com passinhos curtos e arrastados. Demorava tempo. Os rapazes de Economia olhavam sem ver. Estavam habituados àquela cadência. O médico era, para eles, uma sombra familiar.

[...] Em Coimbra, para os rapazes, era o Miguel Torga e não o Dr. Adolfo Rocha quem passava todos os dias a caminho do consultório. Olhavam-no com alguma ternura porque sabiam que já não ia para as consultas mas apenas para vestir a bata de escritor. Assim acontecia a maior parte das vezes.

Laurinda Alves, in «Independente», 20-1-95

lavradores, começou em 1913 a frequentar a escola primária, onde teve por professor um homem a quem considerou dever a maior parte do seu percurso literário, o senhor Botelho. Depois de ter concluído com distinção a 4.ª classe, o pai, para o livrar de um futuro atrás da enxada, mandou-o para o Porto onde supostamente deveria trabalhar num escritório, acabando no entanto por ser moço de recados em casa de uma família abastada. Foi por esse tempo que começou a revelar-se um jovem inconformado e foi a ler às escondidas que tomou contacto com os primeiros autores que viriam depois a influenciar a sua escrita: Hans Cristian Andersen, os irmãos Grimm e La Fontaine.

Por conselho dos pais partiu em 1920 para o Brasil, depois de durante um ano ter frequentado o Seminário de Lamego. Neste país e com o apoio do tio paterno, que sempre o apoiou moral e economicamente, trabalhou arduamente e, ao mesmo tempo que começou a escrever os primeiros poemas, exerceu as mais diversas profissões, desde capinar café a caçar cobras, até que, em 1925, regressou a Portugal para estudar num colégio de Coimbra onde em apenas três anos completou o curso liceal, continuando sempre a fazer versos.

CAROS LEITORES:

INICIAMOS HOJE, CONFORME TÍNHAMOS PROMETIDO, A PUBLICAÇÃO DA NOVELA *UM GRITO NA NOITE*, DE AUTORIA DO NOSSO CONTERRÂNEO HIGINO PIRES (veja-se o nosso n.º 4). PARA QUEM QUISER COLECIONAR BASTARÁ RECORTAR, POIS ATÉ FINAL O FORMATO SERÁ SEMPRE IGUAL PARA PODER SER ENCADERNADO, À SEMELHANÇA DOS FOLHETINS QUE SE PUBLICAVAM NOS JORNAIS DE OUTRORA.

UM GRITO NA NOITE

por: Higinio Pires

Advertência

Um «Grito na Noite» não é exactamente um romance de amor, embora ele tenha existido não foi um amor santo, antes pelo contrário, foi um falso amor, em que a mulher foi a única prejudicada. É, portanto, um aviso à mulher honesta para que se acautele com certos indivíduos que a assediavam somente com o intuito de a prejudicar.

O Autor

CAPÍTULO I

ERA UMA noite chuvosa, um vendaval aterrorizava a região, o vento soprava fortemente e o arvoredo oscilava como que impellido por mãos de gigante. Ouviu-se um grito lancinante, um grito que chamou a atenção de José Narciso, um pescador que residia naquela desolada povoação erguida sobre as rochas sobranceiras ao mar e a quem nunca os vendavais causaram medo, que enfrentando o temporal saíu à rua.

Espicho era o nome daquela povoação do Alentejo por se encontrar situada num promontório de rochas que avançava um pouco em direcção ao mar. José Narciso não encontrou cá fora, na rua, razão alguma para aquele grito de desespero que tinha ouvido na sua habitação. Ficou pensativo, mas voltou para casa, uma casinha abarracada, erguida sobre a falésia com grande altura sobre o mar.

Passou uma noite agitada pensando na origem daquele grito que tinha ouvido. Na manhã seguinte levantou-se muito cedo e, aproximando-se do alto da falésia, observou o mar imenso que se estendia para além do horizonte. Lá no fundo abundava a espuma

provocada pela agitação das ondas. Ao princípio, não deu conta de nada que despertasse a sua atenção, mas, reparando melhor, viu que no meio daquele vaivém de espuma um vulto negro flutuava ao sabor das ondas, mas não conseguia distinguir o que seria devido à distância a que se encontrava e também porque o objecto, ao flutuar, tanto aparecia como desaparecia debaixo da espuma.

José Narciso, na sua preocupação de desvendar o mistério, foi chamar o seu vizinho mais próximo, o Anastácio, também pescador como ele, para em conjunto observarem o objecto que lá no fundo continuava a flutuar. Chegaram à conclusão que qualquer coisa de anormal se teria passado durante a tremenda tempestade desencadeada na véspera.

Resolveram descer a ribanceira que os separava do mar, levando consigo uma pequena fazeixa com a qual costumavam recolher o peixe, do mar para dentro dos barcos, a fim de trazer para terra o objecto flutuante, fosse ele o que fosse.

Desceram, e ao chegar junto do mar não tiveram dúvidas em reconhecer que o vulto à

SABER DA LEI

Conforme a Portaria 1137/94, de 22 de Dezembro, o calendário para as inspeções periódicas de veículos automóveis é o seguinte:

MESES LIMITE DE INSPECÇÃO NO ANO DE 1995

Veículos ligeiros de mercadorias

Último dígito da matrícula	ANO DE MATRÍCULA			
	1984 a 1987	1988	1989	1991
1, 2, 3 e 4..	JANEIRO	ABRIL	JULHO	OUTUBRO
5, 6 e 7	FEVEREIRO	MAIO	AGOSTO	NOVEMBRO
8, 9 e 0	MARÇO	JUNHO	SETEMBRO	DEZEMBRO

Veículos ligeiros de passageiros

Último dígito da matrícula	ANO DE MATRÍCULA			
	1980 a 1982	1983 a 1985	1986 a 1987	1988
1, 2, 3 e 4..	JANEIRO	ABRIL	JULHO	OUTUBRO
5, 6 e 7	FEVEREIRO	MAIO	AGOSTO	NOVEMBRO
8, 9 e 0	MARÇO	JUNHO	SETEMBRO	DEZEMBRO

ATENÇÃO: A não apresentação dos veículos a inspecção dentro das datas previstas está sujeita a coima de 50 a 250 contos.

Adivinhe... se for capaz!

Dois redondos e um comprido
Entre as pernas é metido

Manobrado com cuidado
Dará prazer redobrado

Solução do nº anterior:
O Piano e os Dedos

Se não houver atenção
Traz grande complicação

ÀS VEZES CHEGAM CARTAS...

correio dos
leitores

Com o jornal já fechado chegaram-nos às mãos duas cartas da Junta de Freguesia, com pedido de publicação, o qual será satisfeito no próximo número, por manifesta impossibilidade de o fazermos nesta edição.

4

UM GRITO NA NOITE

tona de água era o cadáver de uma mulher.

O mar, ali, era salpicado de penhascos que afluam à superfície das águas e o José Narciso, pé aqui pé acolá, conseguiu aproximar-se do cadáver prendendo-lhe a fazeixa às roupas, e assim lograram trazer para a margem a pobre mulher afogada.

Seguidamente, subiram novamente a falésia e foram em busca de ajuda de mais homens, a fim de transportarem a defunta para o alto.

Naqueles lugares, tais notícias causam muita agitação, por serem casos muito raros, e neste caso também muita curiosidade em se saber quem seria a defunta.

Depois de encontrarem mais dois homens para os ajudar, desceram novamente a falésia, levando uma manta para transportarem a morta, que, amparada pelos quatro, foi transportada para a capela local, onde foi imediatamente reconhecida.

Era a Cristina do Augusto, nome pelo qual era conhecida enquanto foi casada com um indivíduo, como ela natural daquele lugar, de nome Augusto. Infeliz mulher que em tempos morara ali, naquele lugarejo perdido entre as fragas fronteiras ao mar, fora bela como uma flor e casara com um rapaz trabalhador e honesto, com o qual formava um belo par, sendo os dois muito estimados e respeitados pelos vizinhos.

Ele era inspetor de vendas de uma importante empresa da capital e por esse motivo fazia visitas periódicas à sede da firma, onde por vezes se demorava alguns dias para dar conta das suas obrigações. Cristina ficava só e com a solidão veio o aborrecimento, que a obrigava a sair de casa, para um café local, a fim de espalhar enquanto o marido estava ausente. O café era modesto, um café de aldeia, mas era o único que existia na localidade.

Entre os frequentadores assíduos, notava-se a presença de um indivíduo, também natural

da região mas que durante muito tempo se manteve ausente, sem que alguém soubesse onde nem porquê. Era um sujeito misterioso, descendente de lavradores, mas nunca ninguém deu conta que ele trabalhasse. Muito fluente na conversação, era daqueles faladores que as mulheres pouco evoluídas muito apreciavam, falam, falam, mas não dizem nada que se aproveite: «Está bom tempo, o tempo vai mudar, amanhã vai chover...», e não passam disto.

Chamava-se António Sardinha e após a morte do pai tratou logo de vender o património que lhe ficou, desaparecendo em seguida sem ninguém saber para onde, nem a vida que fazia.

Enquanto houve dinheiro levou vida de nababo, mas quando aquele acabou desceu ao *bas fond*, onde travou conhecimento com algumas prostitutas, tornando-se «chulo» de profissão. Havia ao tempo repressão policial para esses indivíduos e ele, sobejamente conhecido no meio, teve de se ausentar, depois de roubar algum dinheiro que a prostituta, sua companheira, guardava numa gaveta do quarto onde ambos viviam. A polícia tinha já um mandato de captura contra ele e o Sardinha não teve outro remédio senão fugir para o local onde tinha nascido, sem mais para se sustentar além dos míseros cobres que roubara à companheira.

Entretanto, travou conhecimento com a Cristina, pessoa simples e indefesa, que ele tomou logo como a presa indicada para a vítima dos seus baixos instintos — instintos de celerado, de homem sem escrúpulos.

Encetaram conversas sobre assuntos referentes à aldeia, que era uma aldeia pobre — dizia ele —, onde as próprias mulheres viviam como escravas, sem qualquer nível de vida, sem ao menos receberem dos maridos os mais insignificantes carinhos, tratadas como se fossem animais.

CLUBE DE VÍDEO CARDOSO

Reportagens:
-Reuniões
-Casamentos
-Festas/Baptizados
-Festas/Apresentações
-Passagem de modelos, etc.

Serviços com sonorização e títulos
- Conversão de filmes 16 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de filmes 8 super 8 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de slides para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de fotos para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Cópias de e para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de NTSC e Secam para PAL (trabalho amador)

TELEF. P.P. 52310

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Centenas de filmes de todos os géneros, originais, selados e legendados em português:
Aventuras, suspense, terror, dramas, romances, desenhos animados, policiais, westerns, artes marciais, comédias, musicais, acção, etc.

NOVIDADES
LANÇADAS
TODOS
OS
MESES

VISITE-NOS
NÃO QUEREMOS (SÓ)
VENDER MÓVEIS
QUEREMOS FAZER AMIGOS!

SOMOS
MÓVEIS MIK
CABAÇOS
3250 ALVAÍZERE
036 - 36235

VÍTOR MANUEL

GOMES SANTOS



EMPREENDEDEIRO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUÇÃO E VENDA
DE ANDARES E MORADIAS

OLHOS DE ÁGUA, 205-A
Tel. 501031 - Residência
Telemóvel 0931212708

8200 ALBUFEIRA
ALGARVE

ABERTO ATÉ ÀS 2
HORAS DA MANHÃ COM
A MELHOR BICA DA
REGIÃO

ALMIRO

SERVIÇO DE BAR
E SALA DE JOGOS

TELEF. 34151
AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



RAUL ONOFRE
DA SILVA HENRIQUES

- Pronto-a-vestir -
Venda e aplicação de alcatifas
Electrodomésticos
Revestimentos para automóveis
TELEF. 036-34280-34233

AREGA
3260 Figueiró dos Vinhos

CAFÉ • RESTAURANTE • RESIDENCIAL
MARQUES

ALMOÇOS, JANTARES, PETISCOS, DORMIDAS,
CASAMENTOS, BAPTIZADOS, BANQUETES.

Telef. (036) 36273

3250 CABAÇOS - Alvaizere

ANTÓNIO TEIXEIRA DA SILVA
LADRILHADOR

Telf. (036) 34 844 - BREJO - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ZULMIRA FERNANDES
ADVOGADA

Praça Dr. António José Pimenta, nº 4, Sótão - (Junto à MARIBEL)
Telef. 52313 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TODOS OS DIAS DAS 14,30 ÀS 18,30 HORAS



TELEF. 34260 - 34151
34246 - Resid.
TELEMÓVEL 0931 - 253579

ADELINO DOS SANTOS COELHO

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
SERVIÇO PERMANENTE

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



RETIRO FIGUEIRAS
DE

José Manuel Jesus Silva
SNACK-BAR — RESTAURANTE

Telef. 036 - 53258 • CHÃOS — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



JOSÉ GOMES

Valbom
Arega

madeiras e
derivados

3260 Figueiró
dos Vinhos

VOZ AGRÍCOLA

Coordenação de DINA
aluna do I. S. Agronomia, da U. T. L.

Novo invento português para combate a incêndios

Um novo sistema de combate e prevenção de incêndios tem o cunho de um inventor português.

Sendo Portugal um país com grande área florestal, em parte distribuída por minifúndios que não permitem uma acção concertada de prevenção, pois os proprietários são muitos e as parcelas pequenas, com os respectivos rendimentos a não suportarem o investimento necessário às tarefas de manutenção e limpeza da mata, os incêndios na época estival são a praga que se conhece.

O combate aos fogos processa-se da forma tradicional, com os bombeiros no terreno, alguma aviação

nas zonas de difícil acesso, e é em Deus...

José Mendonça, antigo mecânico de Cascais, reflectiu nestes problemas ao viajar no Verão para Castelo Branco, por entre a Zona do Pinhal, todos os anos «mordida» pelo fogo. Também na área da sua residência, na Zona Protegida Sintra-Cascais, que engloba a serra de Sintra, os incêndios são frequentes.

Pôs-se a magiar, rebuscou nos seus conhecimentos mecânicos, e em três semanas tinha um projecto inovador para prevenir e combater os fogos.

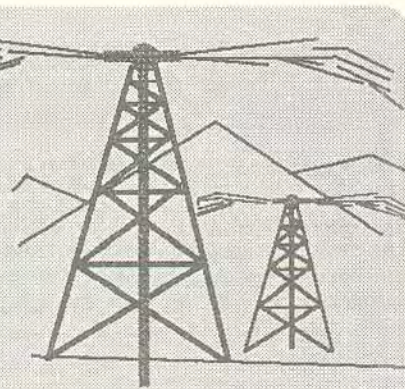
O sistema apresenta-se simples mas eficaz, segundo opinião de bom-

beiros que já tomaram conhecimento directo com o invento. Baseia-se na conjugação de tecnologia já existente, utilizando como meio de combate a água bombeada a alta pressão através de canhões de água que vulgarmente se utilizam para rega.

Tudo começa num posto de observação, por contacto visual directo ou por circuito vídeo, onde um operador vigia a área da sua jurisdição. Detectado o foco de incêndio, é activado então o sistema propriamente dito, que se compõe de torres colocadas a uma distância entre si de 500 metros, de altura variável consoante o terreno, com canhões-de-água de alta pressão rotativos, no seu topo,

que molham uma área de 250 metros em redor, formando um círculo de 500 metros de diâmetro. Estes canhões são alimentados por um ou mais depósitos de 1300 litros de água, que por sua vez são abastecidos de furos, poços ou cursos fluviais, através de bombas e canalizações protegidas contra fogo. O ataque ao incêndio reveste-se de forma directa, atacando directamente o foco, e preventiva, molhando as áreas circundantes, evitando a propagação.

Tivemos acesso ao projecto, e o bombeiro que no-lo facultou referiu-se-lhe em termos elogiosos, considerando ser muito útil para zonas onde é difícil aceder. Apurámos ain-



da que a Câmara de Cascais, juntamente com os bombeiros, está a estudar a sua viabilidade, e não será de excluir a sua instalação em algumas áreas florestais de difícil acesso da Zona Protegida Sintra-Cascais.

Uma boa novidade que talvez venha a espalhar-se pelo País, caso o Governo se interesse pelo projecto, conforme o seu inventor espera que aconteça.

A PAU... DE CANETA! conta a história de um jornal preguiçoso

Era uma vez um jornal que, embora ainda novo, já era muito preguiçoso e chegava a casa dos seus leitores bastante tarde.

Certo dia um leitor atento decidiu espreitar o fedelho para assim saber onde e com quem se demorava. Procurou ao seu director qual a razão e este respondeu-lhe que o material publicável ido de Arega chegara tarde mas que em breve o despacharia para a gráfica.

Passados alguns dias decidiu dar uma espreitadela na tipografia pois pelas suas contas era tempo mais que suficiente para que o dito cujo estivesse em condições de abandonar.

Puro engano, mal transpôs a por-

ta logo alguém lhe perguntou:

—Vens à procura do jornal? Se viesses cinco minutos mais cedo entravas aquando a ele, pois acabou mesmo de chegar!

Face a algumas dúvidas manifestadas pelo leitor em questão, logo lhe foi exibido o envelope e lá estava o carimbo do dia anterior. Isto era sexta-feira, dia 13, o que para muita gente é sinónimo de azar.

Feitas as contas e contabilizadas todas as hipóteses, até porque na sua frente estava um «senhor» jornal que ia ocupar máquinas e pessoal durante alguns dias, acabou por se combinar a quarta-feira seguinte como dia provável para a sua saída. Nesse dia o leitor foi trabalhar

para a Graça, despegou às 18 horas, como de costume, e lá vem ele pelo IC8 o mais rápido possível para chegar a tempo de encontrar alguém na gráfica.

Uma vez ali chegado, encontrou dois empregados fazendo um biscoite e o jornal preguiçoso, embora já impresso há 24 horas, mantinha-se distraidamente em cima da bancada vendo as máquinas trabalhar.

Começou a discussão, mas pouco ou nada havia a fazer, pois faltava intercalar e àquela hora tal operação era impossível por falta de pessoal e o remédio foi deixá-lo onde estava.

No dia seguinte, trabalho no mesmo sítio, à noite a mesma correria para encontrar o fedelho pronto a

seguir viagem. Só que depois de tudo conferido faltavam as cintas, as quais tinham sido mandadas fazer no início do mês.

Discussão para cá, discussão para lá, mas as cintas não estavam feitas e sem elas não valia a pena levar o jornal que lá ficou mais uma noite, acabando por sair na sexta à noite graças ao amigo Henrique, porque as cintas, embora impressas, ainda não estavam aparadas nem cortadas e na gráfica não havia mais ninguém.

Meteu-se o fim-de-semana, o que até deu um certo jeito para dobrar, cintar e etiquetar, e lá vai ele a caminho do correio na segunda-feira.

Bem se pode dizer que são peri-

pécias a mais para um jornal, mas tudo isto não aconteceria se a proprietária deste jornal, que outros obrigam a ser preguiçoso, não fosse gerida por gente que preguiça não pode ter e tem de trabalhar todos os dias. Caso contrário o problema seria resolvido no primeiro dia com grande facilidade.

Este fedelho, que nasceu com deficiências motoras profundas e que só agora começa a dar os primeiros passos sozinho, com alguma dificuldade, bem merece ser apoiado com mais dedicação para que possa ser mais pontual. Ou então terá de haver pau de caneta para muito boa gente!

Maroco

A.M.A.®

Auto Monumental do Areeiro, SA

concessionários



Audi

oficinas e peças



SEDE - STAND - Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 - 1000 LISBOA Telef. 849 41 85 - 847 53 67 - Faxx 804 775 - NOVO STAND - Av. da Igreja, 63 - C 1700 LISBOA - Telef. 797 72 33 - 795 51 00

40 ANOS FAZEM A DIFERENÇA

DESPORTIVAMENTE

Distritais de futebol da A. F. Leiria

A Desportiva de Figueiró dos Vinhos averbou a segunda derrota no presente campeonato, no campo do Motor Clube, em Monte Redondo, por 2-1.

Segundo rezam as crónicas, as equipas alinharam da seguinte forma: MOTOR CLUBE — Dick; Carlos Rolo (Zé Manuel, 72 m), Rui Reis e José Rodrigues; Telmo; Leitão, Lita («cap.»), Tinex e Zeca. Treinador: **Filipe Brás**.

DESPORTIVA DE F. VINHOS — Telmo; Carlos Simões (Toni, 82m), Napoleão, Rui Fontes («cap.»), e Ricardo; Tó Alves; Marçal, Nuno, Tendingha e Futre; Bosco (Paulo Venâncio, 74 m). Treinador: **Fernando Silva**.

A Desportiva inaugurou o marcador aos 38 m, por intermédio de Tendingha, dando expressão ao seu maior domínio de jogo. Também o Motor Clube apresentava algum perigo, obrigando Telmo a uma boa defesa para o poste após remate de João Paulo.

Na segunda parte as coisas complicaram-se, mercê também da má arbitragem de Luís Pereira, que aos 78 m apontou a marca de penalty contra a Desportiva, convertido por Rui Reis. Estava restabelecida a igualdade, mas aos 82 m, num lance infeliz, Rui Fontes introduziu a bola na própria baliza, dando assim a vitória, imerecida, aos visitados.

Boas exibições de Tendingha, Tó Alves, Marçal e Rui Fontes, mau-grado o golo na própria baliza deste último.

Luís Pereira, o árbitro, prejudicou claramente a equipa de Figueiró.

O Alvaizere logrou vencer em casa a equipa do Veiense, mas continua afastado da luta pelos lugares da frente.

Resultados e classificações após jornada de 5-2

DIVISÃO DE HONRA

Arcuda - Pernelhas, 1-0; Bidoeirense - Gaieirense, 0-2; Alfeizerense - Portomosense, 1-3; Nazarenos - Alcobaça, 4-0; Alq. Serra - Vidreiros, 0-0; Mirense - Ramalhais, 5-2; Estrada - Batalha, 1-0; **Alvaizere** - Veiense, 2-0.

Classificações: 1º **Nazarenos**, 44 pontos; 2º Portomosense, 41 pt.; 3º Alqueid. Serra, 40 pt.; 4º Alcobaça, 38 pt.; 5º Gaieirense, 37 pt.

1ª DIVISÃO - ZONA NORTE

Avelarense - Amieira, 4-1; Regueira de Pontes - Boavista, 2-2; Ranha - Moita de Boi, 0-2; Motor Clube - **Desp. Figueiró Vinhos**, 2-1; Guinense - Barracão, 0-1; Ilha - Pelariga, 2-3; Praia Vieira - Chão de Couce, 3-0; Moita da Roda - Matamourisca, 2-1.

Classificações: 1º **Fig. dos Vinhos**, 41 pontos; 2º Moita de Boi, 41 pt.; 3º Praia Vieira, 39 pt.; 4º Pelariga, 35 pt.; 5º Motor Clube, 34 pt.

ZONA SUL

União Serra - Pataiense, 4-2; Rostos - Ataiense, 4-2; Biblioteca - S. Bernardino, 2-2; Abergaria - Campo, 1-2; Ferrel - Relvense, 1-1; Óbidos - Delgadenses, 1-1; A dos Barbas - Caranguejeira, 0-2; Burinhosa - Casa do Pessoal, 1-3

Comanda o **Caranguejeira**, com 43 pontos.

2ª DIVISÃO - SÉRIE 1

Vermil - Ansião, 0-0; Carreirense - Almagreira, 0-1; Meirinhas - A. Unido, 0-0; Várzeas - Pedrogueense, 3-3; Redinha - Castanheira de Pêra, 2-1; Outeirense - Pousaflores, 6-1.

Comanda o **Ansião**.

50 anos de A BOLA

O director deste jornal teve o privilégio de ser convidado para a Gala Internacional de «A Bola», cerimónia realizada no CCB, transmitida em directo pela TV, com a presença, entre outros, das grandes vedetas do futebol mundial e do Sr. Presidente da República.

Em jeito de homenagem informamos que a assinatura de «A Bola» para o País e Europa custa 20.800\$ por ano, 10.400\$ / 6 m. e 5.200\$ / 3 m.

Basta enviar cheque ou vale daquela importância, nome e morada para: A Bola - Trv. da Queimada, 23 - 1294 Lisboa Codex - Portugal. Passará então a receber em sua casa «A Bola», que entretanto passou a diário.

A toda a vasta equipa de «A Bola», os nossos parabéns.

VIAGEM À NEVE DA ESTRELA

A ARCA vai organizar a sua já tradicional excursão à Serra da Estrela, no dia 26 de Março próximo, com entrada por Seia e saída pela Covilhã.

As pessoas interessadas podem fazer as suas marcações junto dos elementos já conhecidos da ARCA, ou na sua sede, aos domingos, logo a seguir à missa.

A ARCA reserva-se o direito de anular a iniciativa caso não hajam passageiros que a justifiquem.

Decida-se e venha passear connosco, divertindo-se e ajudando desta forma a Associação.

BAILE DE CARNAVAL EM AREGA

Grátis para mascarados

No dia 26, Domingo Gordo, a ARCA vai organizar mais um baile de Carnaval e, mais uma vez, dará entrada grátis a quem se apresentar mascarado, bastando para isso a sua identificação aos elementos da organização.

Não será considerado quem se apresentar encarapuçado, só vale se for mascarado a preceito.

Entrude-se, à antiga ou à moderna, e venha divertir-se; a ARCA paga a música, que será executada pelo organista/cantor Sérgio Paulo, do Avelar.

Venha e traga os amigos!



Arega presente no Carnaval de Figueiró

Figueiró dos Vinhos vai mais uma vez organizar o seu já tradicional Carnaval.

Um pouco por todo o concelho já se nota a azáfama habitual dos outros anos.

Arega também está a preparar-se para participar no Corso com um

carro alegórico e um grupo de figurantes.

Pelas informações que tenho, e que reputo de crédito, está-se a tentar dar à nossa participação a relevância que se coaduna com o bairrismo dos Areguenses.

Para isso é preciso que você tam-

bém colabore, tanto com ideias como com a sua presença física. Não espere que sejam só os outros a fazer; junte-se aos que fazem!

Há já bastante gente a colaborar, você será mais um!

Vamos todos, só assim podemos parecer muitos. Até lá! **Maroco**



Vem aí o Tap/Rali de Portugal

É já no próximo dia 8 de Março que começa a nossa mais importante prova de estrada, às 6.30 da manhã, com início na Figueira da Foz. Esta 1.ª etapa (Fig. da Foz-Póvoa de Varzim) é composta de 11 provas classificativas e termina com a entrada em parque fechado às 23.50.

No dia seguinte (9 de Março) inicia-se às 8 horas a etapa Póvoa de Varzim-Viseu, com 10 provas classificativas. O seu término ocorrerá pelas 21.30, em Viseu.

A 3.ª e última etapa, Viseu-Figueira da Foz, decorrerá no dia 10 de Março, sexta-feira, e terá início pelas 7.00 horas, com o primeiro troço

cronometrado do dia (Alvoco das Várzeas) a ter início às 8.28. Segue-se o troço Arganil/Coja, às 9.27, depois Folques/Lomba, às 10.23, uma vez que a classificativa de Secarias, prevista para as 9.57, foi anulada devido a problemas com que a Câmara de Arganil se deparou ao não conseguir chegar a acordo com os proprietários para fazer melhoramentos no percurso. Este troço tinha previstas duas passagens, as classificativas 24 e 27, que foram assim suprimidas desta 3.ª etapa.

A derradeira parte desta etapa e do rali (8.ª secção) tem início na Lousã, às 17.20, com a classificativa

Lousã/Relvas à principiãr às 17.30, seguindo-se o último troço cronometrado às 18.18, a disputar na região de Campelo, do nosso concelho.

Com os principais pilotos da cena mundial e respectivas máquinas inscritos, não teremos este ano o prazer de ver os artistas do volante pelas nossas estradas. A organização do Tap/Rali, devido às novas exigências da FIA, optou por piso de terra e de momento não temos em Arega um traçado conveniente. Mas segreda-se por aí que talvez dentro em breve tenhamos um percurso com os requisitos necessários. Esperamos que não seja só boato.

FUNDADO EM 1952- RESTAURADO EM 1987
MAIS DE 40 ANOS A SERVIR OS SEUS CLIENTES

Sauda RESTAURANTE

Gerência de Evaristo Borges e António Costa
AVENIDA DE PARIS, 4-B - TELFS. 848 66 51/848 08 38 - 1000 LISBOA

Almiro J. Silva, Lda.

CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS

ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256, 3ª, ESQ. - 1600 LISBOA
Telefs.: 795 29 94 - 793 45 28 - 942 33 77 - Fax: 795 29 96

VOZ d'AREGA

Registos no Min. da Justiça: publicação periódica
nº 117 450; empresa jornalística nº 217 449.

A. R. C. A.
AREGA — 3260 Figueiró dos Vinhos

Propriedade: Associação Recreativa e Cultural Areguense — Contribuinte nº 501078860.

Director: Almiro Antunes Morais.

Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira.

Colaboradores: Céu Coelho - D. Alice Baião Morais - Dina Morais Lopes - Drª Helena Serra Fernandes - Drª Manuela - Drª Paula Pinto Alves - Elsa Morais Lopes - Fernanda Morais - Sandra Henriques - "Tia Li" - Américo Silva Ferreira - António Teixeira Silva - Emídio Borges Gomes - Manuel Conceição Lopes - "Maroco" - Padre Anibal - Padre José Escaroupa - Raul Henriques.

Redacção: Filial em Lisboa — Trav. Limoeiros, A, r/c, dto., 1675 Famões - telf. 933 31 94.

Composição, montagem e impressão: Gráfica Abreu & Simões, Lda., Cabaços, 3250 Alvaizere.

Tiragem deste número: 2000 exemplares.

NOTA. — SE RECEBER TRÊS NÚMEROS DESTA JORNAL SEM OS TER PEDIDO E NÃO OS DEVOLVER, SERÁ AUTOMATICAMENTE CONSIDERADO(A) ASSINANTE